

A LOUCURA E A FOME EM *QUARTO DE DESPEJO*, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

MADNESS AND HUNGER IN *QUARTO DE DESPEJO*, BY CAROLINA MARIA DE JESUS

Anselmo Peres Alós¹

RESUMO: Carolina Maria de Jesus tornou-se conhecida na literatura brasileira com a publicação de seu diário, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, em 1960. A obra narra o cotidiano de Carolina, autora e narradora, na favela do Canindé em meados dos anos 1950. Em meio ao cotidiano da narradora, a fome ocupa um lugar de destaque, e com ela muitas outras mazelas que a pobreza causa. A loucura aparece nesse meio, e é possível analisar sua relação com a fome. Por meio de elementos que estruturam a narrativa, são estabelecidas relações entre as palavras, o que possibilita entender como a loucura se aproxima da fome no relato visceral de Carolina.

PALAVRAS-CHAVE: Loucura; Análise estrutural; Literatura afro-brasileira.

ABSTRACT: Carolina Maria de Jesus became known in Brazilian literature with the publication of her diary. The work narrates Carolina's daily life as both author and narrator in the Canindé favela in the 1950s. Amidst the narrator's everyday life, hunger takes center stage and brings with it many other afflictions caused by poverty. Madness appears in this environment and allows for an analysis of its relationship with hunger. Through the elements that structure the narrative, connections are established between words, enabling us to understand how madness intertwines with hunger in Carolina's intimate account.

KEY-WORDS: Madness; Structural Analysis; Afro-brazilian Literature.

1 Introdução

Carolina Maria de Jesus (1914 - 1977) produziu uma obra considerável, mas é sua primeira publicação, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*

¹ Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil. Realizou estágio pós-doutoral em Letras na Universidade Federal de Pernambuco – Brasil. Professor Associado na Universidade Federal de Santa Maria – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-2062-2096>. E-mail: anselmoperesalos@gmail.com

(1960), que mais impactou a sociedade letrada que estava em um espaço além da favela. A publicação do diário foi possível por intermédio de Audálio Dantas, repórter que, durante a produção de uma matéria para o jornal no qual trabalhava, encontrou Carolina e se interessou por seus textos. Embora a autora não tenha parado nessa primeira narrativa, o restante de sua obra não causou tamanho estrondo, e muito do que foi escrito na sequência seguiu às sombras das reverberações de sua primeira obra.

Carolina nasceu em Minas Gerais e foi lá que, com muito custo, estudou por apenas dois anos, custeada pela patroa de sua mãe. A autora seguiu com grande amor pela leitura e pela escrita, como relembram as falas de Vera Eunice, filha de Carolina, em uma breve apresentação da autora escrita por Erika da Silva Costa (2020) para o portal pós/decolonial e afrodiaspórico BAOBABE. Em seu texto, Costa (2020) também relata o preconceito que Carolina sofria na escola, por ser uma das únicas alunas negras, e como a literatura tornou-se um escudo que levou consigo para a vida adulta.

Na década de 1930, Carolina mudou-se para São Paulo na busca por oportunidades. A autora chegou a ser empregada doméstica da elite paulistana, mas acabou por trabalhar como catadora de recicláveis (COSTA, 2020). A escrita de seu primeiro livro, segundo Costa (2020), era uma esperança de poder trazer uma vida melhor para seus filhos: Carolina catava papel, latas e garrafas pela manhã e pela noite, e nas tardes passava o tempo escrevendo em um cantinho de seu barraco.

O portal Literafro - portal da literatura afro-brasileira - apresenta Carolina Maria de Jesus em uma de suas abas sobre autoras negras. No texto disponível no portal, *Quarto de despejo* é apresentado em seu sucesso:

A publicação de *Quarto de despejo* deu-se em 1960, tendo o livro uma vendagem recorde de trinta mil exemplares, na primeira edição, chegando ao total de cem mil exemplares vendidos, na segunda e terceira edições. Além disso, foi traduzido para treze idiomas e distribuído em mais de quarenta países. A publicação e a tiragem dos

exemplares demonstram o interesse do público e da mídia pelo ineditismo da narrativa (LITERAFRO, 2021).

No mesmo texto, o portal ainda apresenta as produções seguintes da escritora, comenta a mudança de vida após a consagração de público e de crítica e a reclusão em seu sítio no interior de São Paulo após as poucas vendas de suas obras (posteriores ao *Quarto de despejo*). Costa (2020) ressalta, ainda, como a escrita, na vivência dentro da favela, era uma arma para Carolina, e que sua escrita interessou ao grande público por apresentar uma realidade da qual não se falava, de um jeito que explodia realidade em cada palavra escrita pela autora. As obras seguintes não tiveram o mesmo sucesso com o público leitor, talvez por não causarem o choque que a primeira produção causou.

Sem dúvida nenhuma, a fome é um elemento que perpassa toda a narrativa de *Quarto de despejo*, e junto dela muitas outras sensações e sentimentos são despertados, como a tristeza, o inconformismo e até mesmo a loucura. Por meio da análise de alguns segmentos do texto da narrativa, este artigo pretende analisar como a loucura aparece nessa obra de Carolina Maria de Jesus, propondo conjecturas e relações entre esse sentimento (a loucura) e a fome. Para que seja possível esta análise, serão observadas as relações entre as palavras no corpo da narrativa (BARTHES, 2008), além de observações quanto às estruturas formadas pelas palavras presentes na narrativa (TODOROV, 2008).

2 Fundamentação Teórica

Dentro de uma narrativa, é possível perceber as conexões estabelecidas entre palavras e as alocar em dois grupos básicos: *funções* e *índices* (BARTHES, 2008). Com essa classificação, é possível apontar as *funções* como diretamente responsáveis pelo encadeamento das ações da narrativa, enquanto os *índices*

são a parte menos objetiva no encadeamento de eventos que tramam o enredo (BARTHES, 2008). Dentro do texto, as palavras são articuladas com o objetivo de alcançar determinado efeito no leitor, e isso merece uma atenção especial. As escolhas que envolvem a articulação dos termos para as sequências narrativas têm grande importância para a percepção do funcionamento do texto (TODOROV, 2008). Sendo assim, muito mais do que simplesmente observar o texto como um todo, particioná-lo e esmiuçar sua semântica, bem como sua sintaxe, é uma maneira de compreendê-lo em todos seus processos internos e efeitos de sentido despertados no leitor.

A palavra “fome” pode, muito bem, ser um alvo interessante para lançar os olhos e se debruçar quanto aos seus efeitos de sentido dentro da narrativa de *Quarto de despejo* (1960). Carolina de Jesus descreve as situações de privação do alimento, bem como a sensação de vulnerabilidade social e, conseqüentemente, de insegurança alimentar por toda sua narrativa. Nas palavras de Audálio Dantas, a “fome aparece no texto com uma frequência irritante [...] tão grande e tão marcante que adquire cor” (JESUS, 2016, não paginado). A fome é, então, quase personificada e garante à autora/narradora uma subjetividade própria formada através dessa vivência de privação do alimento (SOUZA NETO, 2020), e ampliada em sua luta pelo básico, na garantia de um mínimo necessário à humanidade dela e de seus filhos (JACOB e CHAVES, 2019).

Da mesma forma que a fome, a “loucura” também tem relação direta com a subjetividade humana, e acaba tomando os mais diversos moldes ao ser vista sobre o prisma que a miséria constrói. Uma vez que a fome não é um problema isolado, é ingênuo desconsiderar o contexto que a cerca, como a vulnerabilidade social, a insegurança e a exclusão. Essa última, assim como a experiência psicopatológica, é responsável pelo dito estado de “loucura” (REBELLO, 1998). O estado de loucura, seja desencadeado por qualquer um dos fatores, pode apresentar diversas facetas, que vão da pura ausência da racionalidade, ao

extremo da violência (REBELLO, 1998). Sendo assim, é possível relacionar a *fome* com a *loucura* de maneira estarrecedoramente prática: o contexto da fome incentiva o desequilíbrio mental (REBELLO, 1998).

A loucura está presente em uma espessa fatia da literatura mundial - e também brasileira - e é retratada de diversas maneiras. A arte, de maneira geral, é uma grande espaço para a representação da loucura, assim como a loucura é um caminho pelo qual a arte acaba por tomar dimensões mais amplas (FRANCESCHINI e FONSECA, 2017), e com a literatura não seria diferente. O fato de narrar a loucura, seja em práticas escritas formais ou em relatos orais, torna esse elemento uma peça-chave para a compreensão das múltiplas visões para esse estado mental (FERRAZ, 2000). Da mesma forma que com a fome: é por meio da narrativa que se compreende a sensação do outro e pode, então, trazer o leitor àquela vivência (SOUZA NETO, 2020).

Sendo assim, a loucura oriunda da fome, quando expressa na literatura, faz com que o leitor compreenda a condição a que aquela personagem/sujeito foi condicionada e os reflexos em sua trajetória. Para compreender as relações entre fome e loucura em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, é preciso não só mapear as conexões entre os termos presentes na narrativa, mas também compreender os múltiplos contextos de produção da obra. É impossível deixar de lado, durante a análise, o fato de se tratar de uma autora negra e marginalizada, que descreve o seu próprio cotidiano, projetando-se em personagem principal de sua obra (SOUZA NETO, 2020), enquanto busca, por meio da comercialização de seu texto, um espaço de prestígio tão mitigado às pessoas de sua cor, ou classe (DUARTE, 2022). Desse modo, a análise proposta não se atrela somente ao texto, descontextualizando-o de sua materialidade sociocultural, mas se propõe a perceber como a loucura se aproxima do sujeito em situação de fome, e como Carolina Maria de Jesus consegue retratar esse sentimento em sua própria perspectiva.

3 A loucura da fome em *Quarto de despejo*: diário de uma favelada

Carolina escreve sobre sua rotina, sobre a miséria, sobre a favela, sobre sua família e sobre seus desejos e esperanças (DUARTE, 2022), mas também escreve sobre seus sentimentos e, conseqüentemente, sobre a loucura. Expressões referentes à “loucura” aparecem pouco mais de dez vezes no texto, em comparação com a palavra “fome”, que aparece mais de setenta vezes nas linhas de *Quarto de despejo*; parece pouco. Ainda assim, o mapeamento dessas ocorrências de “loucura” no corpo do texto, possibilita perceber como a “fome” se aproxima de cada caso.

Logo na primeira aparição da palavra “louco”, há uma relação direta com a fome: “Quem não conhece a fome há de dizer: [...] ‘Quem escreve isto é louco’” (JESUS, 2016, não paginado). O conteúdo escrito em questão é uma reflexão feita pela própria autora sobre como a favela, e toda a situação de pobreza, molda as pessoas para o pior, “São diamantes que transformam em chumbo” (JESUS, 2016, não paginado). A reflexão se abre para um contexto mais amplo, no qual a autora questiona a humanidade como um todo por não lutar contra essa animalização do indivíduo em função da pobreza. Para finalizar a linha de raciocínio, Carolina indica o quanto a fome tem importância na percepção do mundo, pois, seguindo a narração, “Mas quem passa fome há de dizer: [...] - Muito bem, Carolina. Os generos alimentícios deve ser ao alcance de todos” (JESUS, 2016, não paginado). Percebe-se que a palavra “louco”, nesse primeiro registro, está vinculada ao imaginário da narradora sobre a percepção de alguém que não passa fome quanto a alguém em situação de pobreza que questione a organização da sociedade.

Carolina também se sente próxima da loucura; ela descreve o sábado como “o dia que quase fico louca porque preciso arranjar o que comer para sabado e domingo” (JESUS, 2016, não paginado). Esse segundo registro da

palavra “loucura” também aparece como uma crítica, ainda que disfarçada de uma expressão popular. “Ficar louca”, segundo a expressão, seria o resultado de uma sobrecarga, como ter muitas preocupações, muito trabalho e muitas incertezas, situação na qual Carolina é posta aos fins de semana. Importante retomar aqui que ela é catadora de materiais recicláveis e recebe pelo tanto que cata, no momento em que entrega. Sendo assim, aos finais de semana, Carolina precisa garantir que receba em um dia o valor que garantirá a comida de dois dias. “Ficar louca” é, nesse contexto, a soma de dois fatores facilmente relacionados à loucura: a sobrecarga mental, pelo medo de não ter o que comer, e a exclusão social, que a coloca nessa situação (REBELLO, 1998).

Essa mesma expressão - “Ficar louca” - aparece em outra menção à falta de comida. Em um momento, Carolina reflete sobre uma notícia que ouviu acerca de uma mulher que se suicidou por ver os filhos passando fome, e se coloca no lugar dela: “quando não tenho nada para dar aos meus filhos fico quase louca” (JESUS, 2016, não paginado). A narradora usa um argumento simples para se distanciar da suicida, diz que a mulher “não tinha alma de favelado” (JESUS, 2016, não paginado), referindo-se à possibilidade de sujeitar-se a catar resíduos no lixo, ou mesmo pedir esmola. Novamente, a expressão “ficar louca” é usada para pontuar como a pobreza extrema, a ponto de não haver garantia de alimento para os filhos, pode causar danos psicológicos em Carolina, mas essa mesma expressão é atenuada pelo uso de “quase”, referindo-se à capacidade que a narradora tem de se reinventar e sobreviver na favela, seja por ela mesma ter a “alma de favelada”, seja por ela não chegar ao extremo de “ficar louca” a ponto de pensar em suicídio.

Não é só a fome, porém, que motiva Carolina a “ficar louca”. Em outra passagem, quando ela está bebendo em um bar, a narradora afirma a um desconhecido que a ameaçou que ela é violenta, como forma de assustá-lo: “Onde será que está minha navalha? Hoje o senhor fica só com uma orelha. Quando eu bebo umas pingas fico meio louca. Na favela é assim, tudo que

aparece por lá nós batemos e roubamos o dinheiro e tudo que tiver no bolso” (JESUS, 2016, não paginado).

A expressão, nesse caso, é uma referência à imprudência, e até mesmo à violência que um “louco” pode representar (REBELLO, 1998). Sendo assim, Carolina defende-se do possível agressor partindo de duas premissas centrais que circulam o imaginário social das pessoas: favelados são violentos, e bêbados são agressivos. Estando ela em ambas as situações, por viver na favela e estar consumindo álcool, torna-se mais perigosa, e desse modo pode valer-se desse possível poder de ataque como uma garantia de defesa para evitar a agressão.

Na sequência, a palavra “louca” aparece na constatação de Florenciana, outra moradora da favela, que, nas palavras de Carolina, disse: “que pareço louca. Que escrevo e não ganho nada” (JESUS, 2016, não paginado). Nessa situação, o louco é aquele que transgride a lógica capitalista, aquele que faz algo sem se preocupar com a lucratividade de suas ações. Florenciana representa uma visão sobre a literatura no contexto capitalista, uma vez que a prática da escrita não é necessariamente valorizada e, conseqüentemente, não é valorada. O irônico da situação é que Carolina Maria de Jesus, conseguiu, por meio de seus escritos, ganhar muito mais dinheiro do que conseguira em outros trabalhos que exerceu.

Outra personagem, dona Maria, também aborda a loucura em uma fala trazida em discurso direto pela narradora: “Se a gente não catar um pouco vamos acabar ficando loucos. Só Deus pode ter dó de nós, os pobres” (JESUS, 2016, não paginado). Essa fala, que quase aparece como uma informação solta e quase descontextualizada, retoma duas outras menções à expressão “ficar louco”. Na primeira acepção, tem-se o ideal de que é importante trabalhar, para ganhar dinheiro e conseguir assim participar da sociedade, por meio do poder de compra, por mais irrisório que seja, como forma de evitar a exclusão. Retoma-se, com isso, a noção apresentada por Florenciana, de que as coisas

precisam dar lucro para fazer sentido. Em uma segunda possibilidade, a carga de preocupações oriundas da sensação de não conseguir catar o bastante para ter o que comer é responsável pelo desequilíbrio emocional, que pode chegar à loucura, como no episódio da mulher que se suicidou por não ter o que dar de comer aos filhos. A segunda aceção ainda é reafirmada no parágrafo em sequência à fala de dona Maria, no qual a narradora conta sobre uma conversa com a professora de seu filho, em que relatou pensamentos suicidas por não ter o que dar de comer aos filhos.

Há ainda uma menção a “ficar louca” no dia 18 de agosto. Durante uma briga envolvendo dois homens, a carteira de um deles caiu do bolso: “Quando as faveladas viram a carteira ficaram loucas. E avançaram todos ao mesmo tempo para pegar a carteira” (JESUS, 2016, não paginado). Nesse caso, a expressão tem uma referência à impulsividade da loucura, embora não haja uma relação direta com a fome, os pequenos furtos podem ser vistos como uma medida extrema para garantir algum dinheiro - e conseqüentemente alguma comida - em situações extremas.

No dia 22 de agosto, Carolina registra uma citação na qual a loucura sai do espaço metafórico: “Eu ando tão nervosa que estou com medo de ficar louca” (JESUS, 2016, não paginado). Nesse caso, embora a expressão “ficar louca” tenha sido usada, o seu valor não é figurativo, embora seja genérico. Carolina, nos parágrafos anteriores, relata a dificuldade constante de conseguir dinheiro e alimento, e finaliza sua reflexão com esse medo, de sobrecarregar seu sistema nervoso e, em função disso, “ficar louca”. Novamente, a loucura aparece na união da exclusão social com o esgotamento físico da fome.

Na situação seguinte em que a palavra “louca” aparece, Carolina refere a pouca oferta de papel: “Quase fiquei louca. Porque havia pouco papel na rua” (JESUS, 2016, não paginado). Nessa situação, a expressão “ficar louca” volta ao espaço metafórico e diz respeito ao desespero de não encontrar alguma

possibilidade de remuneração e, conseqüentemente, de garantia de alimento. A explicação de tamanha frustração de Carolina é dada na sequência, os lixeiros da cidade estão levando todo o material reciclável que ela poderia comercializar. Dessa forma, como narra Carolina, a injustiça aumenta, pois os lixeiros, que já têm emprego, acabam por tirar o sustento daqueles que não tem garantias de salário.

Os dois últimos registros da palavra “louca” relacionam-se com a chuva. No primeiro caso, em 29 de outubro, Carolina comenta: “Quando chove eu fico quase louca porque não posso ir catar papel para arranjar dinheiro” (JESUS, 2016, não paginado). Novamente, “ficar louca” é usado como uma expressão que ressalta o esgotamento físico e mental, mental pela preocupação em não ter o que comer, físico pelo possível desgaste da fome. O mesmo esgotamento físico e mental aparece na última vez que a expressão “ficar louca” aparece registrada no texto: “Está chovendo. Fiquei quase louca com as goteiras nas camas, porque o telhado é coberto com papelões e os papelões já apodreceram” (JESUS, 2016, não paginado), a privação do sono consegue afetar tanto a saúde física, como a saúde mental e se torna um agravante para a estabilidade emocional de Carolina quando aliada à fome ou mesmo à pobreza. Além disso, em ambos os casos, a chuva também aumenta as preocupações, na primeira situação a chuva vem acompanhada de frio e, na segunda, vem acompanhada da possibilidade de enchentes. Ambas as situações demandam uma infraestrutura para serem suportadas sem maiores problemas, e a preocupação de Carolina garante que essa estrutura não se faz presente em seu cotidiano.

Além das referências à palavra “louco”, em suas variações de gênero e número, no texto, há também um registro da palavra “doido”, também uma referência à loucura. Dia 18 de julho, Carolina registra uma conversa que teve com um jovem catador embriagado que encontrou pela rua; ela pergunta sobre o motivo dele não guardar dinheiro - pois Carolina condena o gasto excessivo com bebidas alcoólicas - e ele responde:

A senhora me faz rir! Já foi o tempo que a gente podia guardar dinheiro. Eu sou um infeliz. Com a vida que levo não posso ter aspiração. Não posso ter um lar, porque um lar inicia com dois, depois vai multiplicando. [...] Porque falamos disso? O nosso mundo é a margem. Sabe onde estou dormindo? Debaixo das pontes. Eu estou doido. Eu quero morrer! (JESUS, 2016, não paginado)

A resposta do jovem tem uma conexão direta com outras situações em que a loucura se faz presente no texto de Carolina. Novamente, o desejo de acabar com a própria vida está expresso na mesma sequência discursiva que a loucura, assim como as referências diretas, tanto à pobreza, quanto à exclusão. No caso do rapaz, a exclusão se molda de maneira mais perversa, já que ele não se sente como parte de um grupo, diferentemente de Carolina, que tem uma família, além dele se sentir na “margem” da sociedade, usando suas palavras.

No corpo do texto, não há outras referências pontuais à loucura além das supracitadas. Embora seja possível identificar algumas outras passagens que façam referência à instabilidade emocional, ou algo semelhante, elas são mais subjetivas e passíveis de várias interpretações, algumas contrastantes até mesmo, impossibilitando, assim, uma análise objetiva.

As palavras “louca” e “doido” originalmente são substantivos que designam a pessoa em confusão com suas faculdades mentais. Da maneira que são usadas na estrutura das frases analisadas, sempre acompanhando um verbo de ligação (ficar, ser, estar, parecer), adquirem a função de predicativo do sujeito, funcionando como um adjetivo na estrutura do enunciado. Desse modo, as palavras “louca” e “doido” funcionam como descritores, que caracterizam o sujeito. Nos 12 registros presentes em *Quarto de despejo*, oito são predicativos referentes à protagonista, seja no próprio discurso dela, seja no discurso de outra personagem, transcrito por Carolina. Além do mais, há mais duas ocorrências em que a palavra louco se refere a Carolina de maneira indireta, uma por meio do pronome “quem” e outra por meio de “a gente”. Os outros dois registros apresentados não se relacionam com Carolina, um deles caracteriza o

comportamento de outras “faveladas” observadas por Carolina, e também há a fala do jovem catador que se descreve como “doido” naquele momento.

Alguns atenuadores de sentido também se relacionam com a palavra “louca” e merecem atenção. Geralmente, quando Carolina fala de si mesma usando a expressão “ficar louca”, ela atenua com a expressão “quase” (ficar *quase* louca). O uso do advérbio “quase” indica que a loucura está mais próxima do que a sanidade, como se ela estivesse quase sucumbindo à insanidade. Por outro lado, o mesmo atenuante também marca a sua resistência de não se deixar enlouquecer, embora “quase” enlouqueça. Na mesma linha, a narradora descreve que fica “meio louca” quando consome bebidas alcoólicas. Aqui, o termo atenuante distancia Carolina da loucura e a coloca em um lugar mais controlado, ressaltando apenas uma impulsividade ou mesmo uma agressividade característica em certos casos de alcoolismo. É válido pontuar que essa fala de Carolina é usada como forma de defesa contra uma possível agressão na rua, nesse caso, fazer-se de “meio louca” é uma maneira de parecer perigosa a ponto evitar que tentem contato com ela.

A palavra “doido” aparece atrelada ao verbo “estar” indicando um estado, algo que pode ser alterado. Da mesma forma, o verbo “ficar” indica que aquela situação leva o sujeito àquele predicativo. Desse modo, a loucura aparece quase que inteiramente como algo transitório, não indicando um problema mental, uma patologia, mas sim um desequilíbrio que pode ser solucionado. Ainda assim, as referências ao suicídio são frequentes quando vistas na proximidade com os registros de loucura no texto: há a menção à mãe que se matou por não ter alimento para os filhos, motivando a reflexão em Carolina, que se disse “quase louca”; também há outro momento de desabafo em que Carolina comenta pensar em suicídio por não ter comida para os filhos; e ainda há o jovem catador que pensa em se matar por estar em uma situação de completa exclusão. Desse modo, por mais que a loucura seja representada como algo mutável, as ações tomadas nesse estado de loucura podem ser extremas.

Torna-se possível, também, fazer um adendo, em uma perspectiva foucaultiana, sobre como a literatura por si mesma pode estar atrelada à loucura. Almeida (2008), ao escrever sobre o conceito foucaultiano de literatura, aborda o quão transgressivo é o ato da escrita, que rompe o espaço em branco do papel e grava ali a linguagem, ao mesmo tempo em que a própria literatura se limita pelo que consegue ser dito por esta linguagem. Esses limites são muito claros no fazer poético de Carolina Maria de Jesus, que rebusca sua linguagem com a crença própria de que está indo além das limitações da coloquialidade de sua fala, ou mesmo de parte de sua escrita. A loucura, nessa mesma perspectiva, também pode ser um romper de limites com o que está posto, pois o louco “remete a uma figura eminentemente transgressiva” (ALMEIDA, 2008, p. 276), sendo assim uma representação do que é o escritor, nesse contexto: um transgressor.

É na transgressão que as duas referências à loucura, que se relacionam à escrita, mostram muito sobre a visão da função social de um escritor no contexto em que Carolina vive. Em ambos os casos, escrever é loucura, porque não garante lucro e não tem um sentido prático, mas isso é a visão do outro. As duas referências dizem respeito a opiniões de outros, não da própria Carolina, mostrando que ela percebe a escrita como algo mal-visto pelos outros; não que isso a abale em seu processo de escrita.

4 Considerações finais

Carolina consegue retratar a favela com primazia, com a mesma destreza que retrata a fome, e ela ainda consegue dar um espaço para se perceber a loucura em seus escritos. Embora a loucura não seja um dos temas de destaque de *Quarto de despejo*, merece um olhar especial por apontar situações pontuais que muito dizem sobre a humanidade presente na obra. Por mais vagas que as referências possam parecer, elas acertam em mostrar os pequenos devaneios

cotidianos de cada sujeito e sempre são expostas em um contexto lógico que conduz à instabilidade emocional.

Sem dúvida nenhuma, o contexto da fome dá amplitude à loucura. Cada vez que Carolina narra o medo de não ter o que comer exemplificado pelo uso da expressão “ficar louca”, ela consegue mostrar como aquela situação a desequilibra emocionalmente, mas ela própria atenua seu medo e reforça sua gana de seguir na labuta por meio do “quase”, que, embora ainda a aproxime da loucura, registra o distanciamento necessário.

Esse distanciamento tem um grande valor no contexto da pobreza e da exclusão. Aqueles que não conseguem se afastar da loucura trazida pela fome sucumbem e começam a ver na morte a única possibilidade de conforto, situação ressaltada pela mãe que “não tinha alma de favelado”, ou pelo jovem catador que “estava doido” e queria morrer. A fome, neste espectro, não é a causa da morte, mas o seu contexto e tudo que ela traz são os responsáveis pela morte.

Em uma visão geral, a loucura aparece em *Quarto de despejo* como uma consequência da fome, ou ainda como um reflexo do sistema que faz com algumas pessoas tenham o que comer, e outras não. Ainda que a loucura esteja associada a outras coisas que não a fome pontualmente, todas as referências analisadas acabam por se relacionar com a fome, seja pelo contexto de pobreza que leva às incertezas sobre ter o que comer, ou ter o que dar de comer aos filhos, seja pela reflexão sobre o motivo de escrever, já que a escrita não garante sustento, ou mesmo quando a loucura aparece em um discurso de defesa, discurso que é motivado pelo medo de sofrer algum ataque, por ser favelada e estar fora da favela, novamente: por não estar no seu espaço de vida e de fome. Não há como dizer quais das situações presentes na obra são uma referência real à loucura como patologia propriamente dita, algumas podem até se aproximar mais dessa definição, mas o que se pode concluir é que a carga

mental da fome, sobre os corpos debilitados de quem busca alimento, pressiona esses indivíduos ao abismo da loucura, e Carolina, assim como tantos outros, consegue desviar da queda a cada dia, ainda que com medo de vacilar no dia seguinte.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leonardo Pinto de. O conceito foucaultiano de literatura. *Filosofia Unisinos*. v. 8, n. 3, p. 269-280. (2008): Setembro/Dezembro. Disponível em: <<https://revistas.unisinos.br/index.php/filosofia/article/view/5364>>. Acesso em: 30 de junho de 2023.

CAROLINA Maria de Jesus. *LITERAFRO*, Belo Horizonte - MG, 5 nov 2021. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2023.

CHAVES, Viviany Moura.; MEDEIROS JACOB, Michelle Cristine. Insegurança alimentar e nutricional no diário de uma favelada: Carolina Maria de Jesus em seu Quarto de despejo. *Revista Interdisciplinar de Estudos em Saúde*, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 100-115, 2019. DOI: 10.33362/ries.v8i1.1469. Disponível em: <<https://periodicos.uniarp.edu.br/index.php/ries/article/view/1469>>. acesso em: 25 de janeiro de 2023.

COSTA, Erika da Silva. Carolina Maria de Jesus: a exclusão e a fome como alimento para a escrita. *BAOBABE*, 20 out. 2020. Disponível em: <<https://www.baobabe.com.br/blog/carolina-de-jesus-e-a-literatura-negra-e-periferica-a-exclusao-e-a-fome-como-alimento-para-a-escrita/>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2023.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *LITERAFRO*, Belo Horizonte - MG, 2 mar 2022. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico->

conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira>. Acesso em: 25 de janeiro de 2023.

FRANCESCHINI, Erica; FONSECA, Tania Mara Galli. Arte e loucura como limiar para outra história. *Psicologia USP*, v. 28, n. 1, p. 14-22, 2017. DOI: 10.1590/S0103-65642000000200009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pusp/a/sJpmBT5qSgRqcFNpSNY6bjm/?lang=pt>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2023.

FERRAZ, Flávio Carvalho. O louco de rua visto através da literatura. *Psicologia USP*, v. 11, n. 2, 2000 DOI: 10.1590/S0103-65642000000200009. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/pusp/a/stKpFzrd4D8ZXhrFqkDTk9J/?lang=pt>>.

Acesso em: 25 de janeiro de 2023.

JESUS, Carolina Maria. Quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2016. 10 ed. *Ebook* não paginado.

REBELLO, Lêda Maria de Vargas. Loucuras da fome. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 14, n. 3, p. 643-646, 1998. DOI: 10.1590/S0102-311X1998000300023. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/csp/a/3FW7XkfqDCHRLRjzDBdjPWq/?lang=pt>>.

Acesso em: 25 de janeiro de 2023.

SOUZA NETO, Antônio Carlos Torres de. A subjetividade da miséria em Quarto de Despejo. *Ininga*, v. 7, n. 2, 188-194, 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufpi.br/index.php/ininga/article/viewFile/10354/7376>>.

Acesso em: 25 de janeiro de 2023.

Recebido em 03/07/2023.

Aceito em 25/04/2024.